

# BARBARIZAÇÃO<sup>1</sup> DO EXÉRCITO ROMANO E RENOVAÇÃO HISTORIOGRÁFICA: NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE O TEMA

*The Barbarization of Roman army and the  
historiographical renew: new approaches on the subject*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarida Maria de Carvalho\*  
Ana Carolina de Carvalho Viotti\*\*  
Bruna Campos Gonçalves\*\*

## RESUMO

Temos como objetivo, no presente artigo, elencar e analisar algumas das possibilidades de interpretação sobre a construção de uma identidade plural em Amiano Marcelino, tendo como aspecto basilar a *barbarização* do exército do Império romano tardio. Vista a extensão do arco temporal que a obra do autor perpassa e a grande variedade de temas que pode ser extraídos para sua análise e compreensão, destacamos, neste, três temáticas que confluem num mesmo componente do aparato militar, o elemento estrangeiro, em três momentos específicos da história de Roma: com base em aspectos político-religiosos-militares em que o elemento bárbaro influenciou, na sua voz para sublevar os imperadores romanos deste período e (nas suas?) táticas, estratégias e logística da guerra, aspectos fundamentais da fonte analisada. Este trabalho

\* Professora de História Antiga do Departamento de História da UNESP/Franca, pesquisadora do Núcleo de Estudos Estratégicos/UNICAMP e do Laboratório de Estudos sobre Império Romano/USP.

\*\* Graduanda em História pela UNESP/Franca, bolsista de iniciação científica FAPESP.

1 Embora este termo tenha sido utilizado por muitos romanos de forma pejorativa, denegrindo a imagem do estrangeiro, entendemos por *barbarização* o crescente influxo de elementos estrangeiros nas mais diversas estruturas e níveis da sociedade romana, fato este com notável intensificação no século IV d.C.

redundará em três pesquisas distintas, porém contendo o mesmo eixo temático.

*Palavras-chave:* história militar; barbarização; identidade; Amiano Marcelino.

### ABSTRACT

The aim of this paper is the analysis of some of the possibilities of interpretation in what concerns the construction of Amiano Marcelino's plural identity, maintaining, as a fundamental aspect, the *barbarianism* of the Late Roman Empire's army. In light of the extension of the time curve that this follows, and the great variety of topics that can be extracted through subsequent analysis and comprehension, we have herein highlighted three topics which converge into the same military apparatus component, the foreign element, and also in three specific moments in Roman history: through the politico-religious-military aspects that this Barbarian influenced by his voice to spur on the Roman emperors of this period, and by tactics, strategies and logistics of war, fundamental aspects of his work. This article derives from three distinct works of research, though containing the same thematic axis.

*Key-words:* military history; barbarianism; identity; Ammianus Marcellinus.

## Considerações preliminares

E já os raios de sol estavam avermelhando o céu, e o resσό das trombetas soavam harmoniosas, quando as forças da infantaria caminhavam num passo moderado, e ao seu flanco juntaram-se os esquadrões de cavalaria, entre eles estavam os *cuirassiers*<sup>2</sup> e os arqueiros, uma formidável divisão do serviço<sup>3</sup>.

2 Elemento de cavalaria com guerreiro e animal fortemente armados e protegidos por equipamentos.

3 AMMIANUS MARCELLINUS. *Res Gestae*. With an English translation by John C. Rolfe. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1982. XVI, 12, 7. (Tradução nossa)

Ao referir-se ao governo do Imperador Juliano numa investida contra os Alamanos, como exemplifica a passagem supracitada, Amiano Marcelino indica-nos a harmonia que o exército comungava. Entretanto, nesse período, presenciamos um exército já fortemente barbarizado. Tal fato não é ignorado pelo autor; porém, a todo instante, assistimos no decorrer de sua leitura à tentativa de suprimir a presença desse elemento. Faz-se necessário, contudo, que, antes de adentrarmos no assunto a que o título de nosso trabalho se refere, destaquemos quem seria o bárbaro e como a idéia de uma barbarização pôde ser desenvolvida por uma historiografia como algo pejorativo.

Nesse sentido, destacamos a reflexão do sociólogo Francis Wolff acerca dessa temática, onde sublinha, tendo em seu horizonte os problemas encontrados nos Estados Unidos pós-11 de setembro, que os bárbaros seriam aqueles que vão em direção oposta aos seus interesses, como adversários, tachados por esse termo por apresentarem *justificativas imperialistas menos recomendáveis*<sup>4</sup>. O bárbaro assume culturalmente o posto de “outro” aos olhos dos estadunidenses, visão compartilhada pelos homens da Antiguidade clássica. Tomando o exemplo grego, identificamos na *Política* de Aristóteles sua concepção sobre este outro, elemento que deveria ser, obrigatoriamente, dominado, como ilustra o excerto: ... *falaram os poetas: “os gregos têm o direito de mandar nos bárbaros”*<sup>5</sup>. O próprio termo bárbaro possui uma significância particular. A palavra, de origem grega (*gr. bárbaros*), representa também uma onomatopéia – quando alguém pronunciava algo incompreensível a esses homens, considerava-se como se preferisse um barulho semelhante a “bar, bar, bar”, e, assim, era identificado como de origem não-grega<sup>6</sup>. No Império romano, alvejado em nosso estudo, não é diferente, visto que, apesar de arraigado cada vez mais às suas diversas estruturas, nos é apresentado com as cargas negativas de invasor, usurpador.

4 WOLFF, Francis. *Quem é o bárbaro?* In: NOVAES, Adalto. *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

5 ARISTÓTELES. *A política*. Tradução de Nestor Silva Chaves e Introdução de Ivan Lins. São Paulo: Ediouro, s/d. I.1.

6 FERRIS, I. M. *Enemies of Rome. Barbarians through romans eyes*. Great Britain: Sutton Publishing Limited, 2003. p. 4.

Embebida nessa idéia de repulsa, a historiografia produzida sobre esses *outros*, até meados da década de 1990, defendeu a idéia de que a barbarização do exército romano, num jogo que nos remete a causa e efeito, teria provocado a *queda* desse Império. Essa é a tônica das obras de Ramsay MacMullen<sup>7</sup> e Arther Ferril<sup>8</sup>. Influenciados pela idéia de um mundo bipolarizado, escrevendo num contexto de Guerra Fria e com a necessidade de ilustrarem que tanto EUA quanto Grã-Bretanha possuíam superioridade em relação aos países socialistas, evidenciam em suas obras um olhar segregacionista, reforçando a idéia de que a incorporação do outro, no caso o bárbaro do exército romano, foi extremamente negativa para os rumos da ascensão deste vasto Império da Antigüidade. Entendemos que essa leitura, além de refletir a realidade que presenciavam, ilustra uma interpretação acrítica dos autores que relegaram documentação sobre a Antigüidade Tardia, nos séculos IV e V d.C. Fundamentados na idéia da supremacia do sistema capitalista sob o bloco socialista, tais autores refletem em suas obras aversão às diferenças, o que não nos parece possível à luz das informações e acontecimentos a que hoje temos acesso. O bárbaro, incorporado às diversas instituições imperiais, realiza indubitavelmente uma troca com os romanos, onde embute neles suas influências e, ao mesmo tempo, é significativamente influenciado.

Surpreendentemente, em meados da década de 1990, onde as aspirações a um mundo homogeneizado tinham chegado a seu termo, Pat Southern e Karen Dixon<sup>9</sup> ainda defendem, ao lado de Cyro de Barros Rezende Filho<sup>10</sup>, a tese de que a presença bárbara no exército culminaria na derrocada final dos romanos. Em contrapartida, já no limiar do século XXI, encontramos na historiografia britânica representantes que inserem um novo olhar sobre essa temática, suscitando novas investigações que nos conduzem a uma idéia em que as alterações ocorridas são vistas como o desenvolvimen-

7 MACMULLEN, Ramsay. *Soldier and civilian in the later Roman Empire*. Harvard: Harvard University Press, 1998.

8 FERRIL, A. *A queda do Império Romano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

9 SOUTHERN, P.; DIXON, K. *The Late Roman army*. New Haven: Yale University Press, 1996.

10 REZENDE FILHO, Cyro de Barros. *Mudança de conceito estratégico e manutenção de padrão tático a desagregação militar do ocidente romano sob a pressão bárbara*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

to de novas concepções e perspectivas, num período repleto de especificidades e fusão de características oriundas de variados locais, credos e povos, que contraria a crença numa possível *queda* do Império. Referimo-nos, especialmente, a Wolfgang Liebeschuetz<sup>11</sup> e Peter Heather<sup>12</sup>, onde o primeiro, já em 1990, anunciou a possibilidade do entrosamento entre bárbaros e romanos no exército, sugerindo-nos que sua ligação seria tão forte que os estrangeiros passariam a ter papel fundamental na defesa e manutenção das fronteiras do Império, tendo como preceito basilar o sentido da conceituação de Antigüidade Tardia. Nove anos depois, Heather reafirma alguns dos preceitos de Liebeschuetz, inserido numa conjuntura diferenciada, na qual o debate sobre as identidades étnicas e culturais estaria caminhando para um ponto de destaque na historiografia.

Pensamos que tanto identidade quanto cultura são elementos *produzidos* nas narrativas, necessários para que a comunidade à qual se pertence possa ser imaginada, para que os homens possam identificar-se com seus concidadãos, bem como para que possa haver, de fato, a idéia de cidadão, de pátria. A cultura funciona como um elemento homogeneizador e concentra em si uma das formas de produzir, consumir e regular as identidades<sup>13</sup>. As identidades são criadas e recriadas pelos agentes históricos, logo são edificações que correspondem às necessidades do tempo histórico vivido por esses agentes. Na esteira dos acontecimentos, a concepção de identidade não pode ser considerada unificada. Como se afirmou, por partir das diferenças, a identidade é plural.

Atendo-se à personagem central deste trabalho, o elemento estrangeiro, “bárbaro”, é possível notar que a imagem construída<sup>14</sup> a seu res-

11 LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. The end of the Roman army in the western empire. In: RICH, John; SHIPLEY, Graham. *War and society in the Roman world*. London and New York: Routledge, 1995; *Barbarians and bishops: army, church and State in the age of Arcadius and Chrysostom*. New York: Oxford University, 2004.

12 HEATHER, P. The barbarian in late antiquity: Image, reality and transformation. In: MILES, Richard. *Constructing identities in late Antiquity*. London, New York: Routledge, 1999; *The fall of the Roman Empire: a new history of Rome and the Barbarians*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

13 MILES, Richard. *Constructing identities in late Antiquity*. London, New York: Routledge, 1999. p. 8. (Tradução nossa)

14 Ao afirmar que a imagem do bárbaro fora construída, considera-se a questão de poder inserida na problemática da identidade. Os bárbaros foram “barbarizados” pelos romanos que sobre eles discorreram, e, como muito da História que chega até nós é a escrita por grupos sociais mais favorecidos, os relatos que conhecemos silenciam os elementos estrangeiros e, assim, constroem a imagem que lhes “convém” desses homens.

peito fora de extrema importância na elaboração da história militar romana tardia, já que nenhuma identidade pode existir sem uma série de oposições ou negativas. Os estereótipos não são criados por acaso; há, no interior da narrativa que os descreve, uma mensagem ao leitor, há a intenção de exaltar determinado aspecto e renegar outro. No caso do bárbaro, não foram apenas aqueles que os “barbarizaram” que usaram da imagem construída acerca destes; reis bárbaros, posteriormente, utilizarão dessas imagens para legitimar seus poderes<sup>15</sup>. Os historiadores têm se preocupado em exaltar as questões identitárias, já que estas fazem parte da vivência do momento presente, gerada pelo atual processo da globalização mundial. O antiquista não está, de forma alguma, alheio a esse processo, porque parte da sua experiência atual para direcionar a sua interpretação sobre os acontecimentos da Antiguidade.

### *A história militar e seus autores no século IV d.C.*

Assim sendo, destacamos, nesse ponto, as obras sobre história militar romana dos séculos IV e V d.C. que nos fornecem apontamentos preciosos acerca da formação de seu exército, a saber: a composição das milícias, legiões e unidades militares em geral. Tais documentos são mananciais de informações sobre os diversos aspectos da armada, onde destacamos os temas sobre os quais nos debruçamos com maior intensidade. Nesse sentido, refletimos acerca das contribuições do bárbaro na construção de uma identidade militar por meio da confluência de aspectos político-religiosos – dois termos indissociáveis para pensar o período –, o papel do exército (e, conseqüentemente, do estrangeiro) na relação existente entre este e o poder imperial, uma vez que no século IV d.C. a indicação para o posto mais alto da administração era feita pelo corpo militar; e, por fim, sobre técnicas e táticas empregadas no conjunto de batalhas que resultariam nas guerras, além dos diferentes armamentos, estratégias, a logística em torno

15 Esta idéia encontra-se presente em Zósimo, (ZÓSIMO. *Nueva Historia*. Introducción, traducción y notas de José Maria Candau Morón. Madrid: Gredas, 1992), em diversos momentos.

da guerra e a tentativa de precisão de um serviço de inteligência. Sobre esse último aspecto, destacamos:

E ocorreu que naquele tempo em *Cordune*<sup>16</sup>, que era condicionada ao poder Persa, um sátrapa chamado *Jovinianus*, em solo romano, um jovem que tinha secretamente simpatia por nós e por essa razão que, tendo sido detido na Síria como hóspede e fascinado pelo charme dos estudos liberais, ele sentiu um desejo flamejante em retornar a nossa pátria. Para ele eu fui enviado com um centurião de testada lealdade, com o objetivo de ficar melhor informado sobre o que estava acontecendo, e eu o alcancei em montanhas altas e desfiladeiros íngremes. Depois de ter me visto e reconhecido, e me recebido cordialmente, eu confidenciei a ele, à sós, a razão de minha presença<sup>17</sup>.

Depois que os reis passaram por Nínive, uma grande cidade da *Adiabene*, e depois de sacrificarem vítimas no meio da ponte de *Anzaba* e encontrado bons presságios, eles a transpassaram cheios de deleite, eu acreditava que todo o resto da multidão mal demoraria três dias para entrar, então eu rapidamente retornei à Satrápia e descansei, entretido com as atenções hospitalares. Então eu retornei, novamente passando por lugares desertos e solitários, mais rapidamente do que poderia ser esperado, conduzido como eu estava pela grande consolação da necessidade, e estimulado pelo espírito daqueles que estão perturbados porque estão informados que os reis, sem qualquer detentor, cruzaram nosso território numa única ponte com barcos<sup>18</sup>.

No tocante à documentação escrita, temos, portanto, a obra *Res Gestae*, de Amiano Marcelino, da qual os trechos supracitados foram extraídos<sup>19</sup>. Essa caracteriza a fonte principal de nossos estudos. Além de Amiano

16 Uma região montanhosa na Armênia, conquistada pelo *Caesar Maximianus* dos Persas no tempo de *Galerius*, mas não completamente liberta de suas regras, segundo nota do tradutor.

17 AMMIANUS MARCELLINUS. Op. cit. XVIII, 6, 20-21. (Tradução nossa)

18 Ibid., XVIII, 7, 1-2. (Tradução nossa)

19 Esta obra caracteriza o objeto principal de nossa pesquisa, e que será, portanto, aprofundada e utilizada de forma mais densa no decorrer dessa exposição.

Marcelino, citamos os outros três historiadores que dissertaram sobre o tema militar em mesmo arco cronológico: Eunápio de Sárdis, com sua *História Universal*<sup>20</sup> (395-400 d.C.), Flávio Renato Vegécio e a *Arte Militar*<sup>21</sup> (383 ou 450 d.C.) e Zózimo e sua *Nova História*<sup>22</sup> (498 d.C.). O primeiro, professor nativo de Sárdis, busca registrar o período que se estende do final da narrativa de Dexxipus – que finda seu relato no governo de Cláudio (41-54 a.C.) – e segue até as lideranças de Arcádio (383-395 d.C.) e Honório (393-395 d.C.), herdeiros de Teodósio I. Fruto de sua “Crônica após Dexxipus”, encontra-se dividida em 14 livros, e, neles, utiliza-se de figuras de linguagem julgadas muitas vezes inapropriadas ao vocabulário histórico, mas que caracterizam um estilo “urbano”, além de ser bastante claro e organizado em sua exposição<sup>23</sup>. Sobre o segundo, Vegécio, as informações tanto biográficas quanto da obra em questão são escassas. Os que se dedicam a refletir sobre seu escrito, *A arte militar*, indicam-nos que o autor seria cristão, visando uma reestruturação da disciplina e do poder militar romano, indicado pelo autor como em declínio no período. Esta obra constitui-se de 5 livros, cada um circunscrito a um tema central, sempre vislumbrando logística, exercícios, recrutamento, enfim, aspectos técnicos que envolvem as batalhas e o comportamento que os militares deveriam seguir para, assim, reerguer o exército romano aos seus áureos tempos de vitórias e conquistas.

Zózimo indica-nos o olhar de um romano posterior ao período estudado, já que este escreve em finais do século V d.C. Procura abordar em sua narrativa assuntos de cunho político e militar – o que possibilita diversas aproximações e confrontos com as visões encontradas no relato de Amiano. Este autor, considerado pagão, objetiva descrever a História da Roma Impe-

20 Desta obra, chegaram às nossas mãos apenas seus fragmentos, disponíveis em EUNAPIUS; OLYMPIODORUS; PRISCUS; MALCHUS. *The fragmentary classicising historians of the later Roman Empire*. Text, translation and historiographical notes by R.C. Blockley. Liverpool, Great Britain, F. Cairns, c1981-1983.

21 A datação de sua obra ainda se encontra em discussão na historiografia. Alguns autores, como Gilvan Ventura da Silva (2007) afirmam que foi redigida em 383 d.C.; outros, em concordância com nossa perspectiva, em 450 d.C. Utilizamos o texto disponível em: VEGÉCIO. *A arte militar*. São Paulo: Ed. Paumape, 1995.

22 ZÓSIMO. Op. cit., 1992.

23 Cf. FARIAS JR., J. P. *Sofistas e filósofos na administração imperial: o olhar de Eunápio sobre a unidade política do Império romano no século IV d.C.* Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista. Franca, 2007.

rial. Podemos destacar como característica de seu relato o fato de este ser uma composição híbrida, à qual se acredita agregarem-se passagens tanto de Eunápio de Sárdis, já exposta, como do próprio Amiano, no tocante às investidas contra os Persas. A obra *Nova História* encontra-se dividida em 6 livros e presume-se que seus escritos não foram finalizados, provavelmente interrompidos por sua morte.

Voltamos nosso olhar, neste momento, ao autor daquele que configura nosso principal objeto de interesse, Amiano Marcelino. Sua narrativa divide-se em 31 livros, dos quais 13 se encontram perdidos. Em 391 d.C., Libânio declara que a obra de Amiano fora publicada e também recitada em alguns locais do Império, sendo seu trabalho muito bem recebido: *Ouvi que a própria Roma coroou seu trabalho, e seu veredicto é que ultrapassou uns e igualou-se a outros*<sup>24</sup>. Seu plano inicial consistia em cessar a narrativa no vigésimo quinto livro; porém, após tão grande receptividade, decidiu continuá-la. Escreve originalmente em latim e possui um estilo bastante próprio, repleto de descrições<sup>25</sup>, formas de expressão pitorescas e até mesmo poéticas, em geral empregando efeitos que atendessem aos costumes de leitura em público.

A tradição literária latina mostra-se presente na obra de Amiano Marcelino quando aproximamos sua produção à de Tácito<sup>26</sup>, fator visível, principalmente, no tocante às descrições geográficas feitas por aqueles autores. Entretanto, trabalhamos com a idéia de que Amiano não se aterias a essas descrições apenas como forma de conservar a tradição latinista na qual se insere, mas sim como um reflexo aparente de seu posto no exército, *protector domesticus*, onde desempenhava muito mais funções de cunho administrativo que efetivamente adentrar os campos de batalha. A habilidade que Amiano parecia ter se mostra muito mais intelectual que as necessárias para um oficial de artilharia ou cavalaria, as competências que apresentara estão ligadas ao planejamento e inteligência militar, elementos que para a segurança na guerra eram imprescindíveis, dados que se refletem, com bastante nitidez, no relato que deixa a nós.

24 Libânio apud AMMIANUS MARCELLINUS, p. xvi. Op. cit. (Tradução nossa)

25 Cf. AMMIANUS MARCELLINUS. Op. cit. Sobre suas descrições minuciosas (ex. Severianus) - XXVII, I,I. Para descrições de batalhas, XXVII, II, VI.

26 Encontramos essa aproximação em, por exemplo, THOMPSON, E. A. *The historical work of Ammianus Marcellinus*. Cambridge [Eng.]: University Press, 1947.

Diante do exposto, nota-se que esse autor é um dos mais importantes divulgadores da história militar romana do século IV d.C., pois, além de se propor a escrever sobre esta, ocupou uma função efetiva na armada nos governos de Constâncio e Juliano, representando uma testemunha ocular de seu relato. Acreditamos que essa característica não torna seu relato mais *real* ou *verdadeiro*<sup>27</sup> que o de seus contemporâneos, mas, sim, fornece-nos uma trama mais detalhada dos acontecimentos militares, repleto de especificidades e dados que apenas um elemento inserido no corpo militar poderia revelar-nos.

### *Construção de uma identidade plural em Amiano Marcelino*

Atentemos-nos, então, às possibilidades por nós encontradas acerca do estudo desta documentação. Vista a extensão do arco temporal que este perpassa e a grande variedade de temas que podem ser extraídos para sua análise e compreensão, destacamos, neste artigo, três temáticas que confluem num mesmo componente do aparato militar, o elemento estrangeiro, em três momentos específicos da história de Roma.

Em primeiro lugar, pensamos que o elemento estrangeiro, apesar de considerado por muitos contemporâneos como *iletrados cuja cultura – política, social, econômica, artística – não começou mesmo a rivalizar os níveis às vezes surpreendentemente precoces do mundo romano*<sup>28</sup>, influíram profundamente no seu cotidiano, especialmente no que se refere ao exército. Ao contrário do que pode indicar o senso comum, ou mesmo a

27 Concordamos com Keith Jenkins, em sua *História repensada* (Ed. Contexto, 2005), ao sublinhar que não se pode pensar numa única verdade em história, já que todos os depoimentos a que temos acesso remontam expectativas, anseios, visões e sentimentos de seu autor, que de forma alguma pode ser julgado imparcial. Assim sendo, consideramos, pareados a esse, que são múltiplas as verdades existentes, cabendo ao leitor sua interpretação.

28 HEATHER, P. *The fall of the Roman Empire: a new history of Rome and the Barbarians*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. xii. (Tradução nossa)

documentação consultada, num primeiro olhar mais descuidado, não será apenas na reflexão sobre *declínio e queda* que o bárbaro influirá. Seu papel como agente desagregador ou não transcende os campos de batalha e a defesa da integridade territorial, e atinge outro campo. Definir quem seria o *ser romano* inquietava o período, onde o exército, instituição “romanizadora” por excelência, recebia em suas bases elementos que sempre foram deixados à margem e reconhecidos como o oposto do *bom romano*. Inserida na questão da presença e importância do bárbaro na organização militar romana, faz-se necessária e primordial a abordagem da temática referente à formação da identidade do exército romano.

A identidade sempre apresentou ao homem seu lugar no mundo, representando um elo entre o pessoal/individual e a sociedade à qual se pertence, proporcionando a percepção dos traços que são comuns, próprios de um conjunto de indivíduos, em seus diversos aspectos e nas mais diferentes manifestações. Richard Miles afirma que não é possível delinear um perfil identitário único da Antiguidade Tardia, visto que este estaria em constante fluxo e movimento, devido em grande parte ao volume de acontecimentos e transformações do período. Apesar disso, identifica três pontos que influirão incisivamente na construção da identidade do romano no século em questão: [...] *as mudanças na própria representação e ideologia imperiais, o influxo de “bárbaros” e sua crescente importância nas estruturas civis e militares do Império e a emergência do Cristianismo como força poderosa*<sup>29</sup>. Bárbaros e romanos lutarem lado a lado contradiziam, nitidamente, a imagem feita dos primeiros, configurando um problema: como aquele que é oposto ao *bom romano* pode estar presente numa das instituições mais importantes do Império, já que porta características tão diversas ao ideal de “bom soldado”<sup>30</sup>? É curioso notar, como sublinha Heather<sup>31</sup>, que mesmo com a precisão de reforços estrangeiros e com tratados e alianças

29 MILES, Op. cit. p. 5. (Tradução nossa)

30 A título de exemplificação, ressaltamos aqui a obra *De Re Militari*, de Flávio Vegécio Renato, autor de finais do século IV d.C., que escreve um Tratado sobre a arte militar romana, demonstrando quais seriam as posturas, técnicas, exercícios, funções, precauções, entre outros aspectos, da postura do soldado romano, “padronizando” suas ações num ideal de “bom soldado”.

31 HEATHER, Peter. The Barbarian in late antiquity: Image, reality and transformation. In: MILES, Op. cit. (Tradução nossa)

com comandantes de outras tribos, os autores romanos consultados propagaram ao longo do século IV d.C. a imagem dos estrangeiros como pessoas não confiáveis. Mesmo mais adiante, quando o exército se encontra fortemente barbarizado e era eminente a necessidade de membros oriundos de outras localidades que não Roma, este autor afirma que o imaginário romano persistiu, até os últimos momentos, na relação de “Romano = católico = civilizado e Vândalo = ariano = bárbaro”<sup>32</sup>, relação essa que não se destinou apenas aos vândalos, mas aos mais diferentes povos estrangeiros.

Diante desse quadro, onde a presença e influência bárbaras, naquela que já fora a mais vigorosa e importante estrutura do Império geraram transformações sobre o que o romano entendia de si em seu ambiente, exploramos tal situação em um momento específico. Na primeira possibilidade de trabalho em Amiano Marcelino, será analisado o período compreendido entre os governos de Valentiniano I (364-375 d.C.) e Valentiniano II (375-392 d.C.), presente nos livros XXVII a XXXI, por tratar-se não apenas de um momento de intensificação do processo de barbarização e modificações no exército, mas também por ser possível detectar neste arco temporal medidas políticas de inserção do estrangeiro e manutenção de alianças com reis originários de além-Roma.

Como subsídio para responder aos questionamentos já levantados e considerando a amplitude da temática da formação da identidade, buscamos compreendê-la através da ótica político-religiosa e militar que está presente em todo o século IV d.C. Acreditamos que o relato por nós escolhido, bem como as demais produções de tal época, carregam a influência de aspectos político-religiosos, termos estes que não podem ser desvinculados neste contexto, já que as ações de caráter político se encontram repletas de influências de cunho religioso, da mesma forma que diversas ações religiosas tornavam-se políticas. Pensamos, ainda, que as ações militares adquirem aspectos também políticos, já que o exército é um dos maiores responsáveis pela unificação do Império, bem como tensões que se articulam com tal tarefa, como, por exemplo, decisões referentes a guerras, tratados de apaziguamento e aliança. Dessa forma, nossas perspectivas vão ao encontro das novas referências da historiografia que não concordam com a possi-

32 Ibid., p. 237. (Tradução nossa)

bilidade de discernimento entre os aspectos políticos e os religiosos, refutando o pensamento corrente até a década de 1980, influenciado pelo traço marcante em apresentar as temáticas concernentes ao Império romano com situações binárias e baseadas em oposições, que segregavam e distanciavam termos que encaramos como indissociáveis para o período, como o paganismo *versus* cristianismo.

A segunda possibilidade reflexiva localiza-se em torno da participação do exército na escolha e sublevação dos Imperadores do quarto século, como ilustra o excerto:

Depois que este discurso terminou, ninguém ficou quieto; todos os soldados, agitados de forma receosa, baixaram seus escudos até os joelhos (sinal de completa aprovação; caso contrário teriam golpeado seus escudos com suas lanças). Foi maravilhoso assistir a que, com muito júbilo, quase todos os soldados aprovaram a escolha de Juliano como Augusto e, com a devida admiração, saudaram o Caesar reluzente com o brilho da púrpura imperial<sup>33</sup>.

Centramo-nos, para tanto, numa análise interpretativa da relação existente entre o Exército e o poder imperial, uma vez que, neste período, a indicação para o posto mais alto da administração era feita pelo corpo militar. Esta não seria uma novidade aos romanos, visto que esse fato também se mostrou presente em meados do III século d.C., no período denominado de “Anarquia Militar”, ressaltando que os imperadores aclamados pelo exército, nesta fase, ainda conservavam uma preocupação em se legitimar diante do Senado – algo que não percebemos como fator de continuidade no início do século seguinte.

O aparato militar tinha como prioridade na política governamental a defesa e a manutenção dos territórios romanos, num ambiente que se fazia cada vez mais hostil, em detrimento das constantes ameaças de invasão dos povos estrangeiros, não obstante o Exército romano já contasse com a ajuda deles há algum tempo. Trata-se, portanto, de uma situação dúbia. Com o passar do tempo, principalmente após a batalha de Adrianópolis e seu

33 AMMIANUS MARCELLINUS. Op. cit. XV, 8-15. (Tradução nossa)

fracasso, o alistamento de *bárbaros* para o *front* romano só fez aumentar, devido, ao que tudo indica, às grandes e expressivas baixas que esse partilhou com o revés sofrido contra os Godos.

No período que antecede essa batalha, notamos maior proximidade na interação dos romanos com outros povos, visto que a administração das fronteiras demandava uma maior aproximação com os *bárbaros*. De acordo com Heather (1999, p. 240), o exército romano, que normalmente derrotava os estrangeiros em conflitos armados, e neles inspirava admiração, respeito e temor, passou a ser, também, sua morada.

Os objetivos, nesse âmbito, situam-se numa perspectiva mais ampla que a relação exército e sucessão imperial. Buscamos entender como o elemento estrangeiro, inserido no mundo romano, colaborou na escolha de seus Imperadores. Percebemos, em Amiano Marcelino, diversas passagens onde demonstra o exército como proclamador e legitimador do poder imperial:

O que você faria se o imperador (o que acontecia com frequência) em sua ausência deixasse a você a condução da guerra? Você colocaria tudo de lado e salvaria os soldados dos perigos ameaçadores? Faça isso agora, e se nos for permitido ver a Mesopotâmia, os votos unidos dos dois exércitos irão decidir por um imperador legítimo<sup>34</sup>.

Salientamos, contudo, que tanto Amiano Marcelino como outros historiadores da época possuem a tendência de negligenciar a presença do estrangeiro nesse corpo que aclamava o detentor do poder administrativo e político romano, fato tão importante que influencia nossa compreensão das relações imperiais do período assinalado. A análise pauta-se especificamente na ascensão do imperador Joviano (363 – 364 d.C.) e do imperador Valentiniano I (364 – 375 d.C.), encontrados nos livros XXV a XXVII, que rompem com a tentativa de manutenção de quadros dinásticos elaborados durante a história de Roma.

A última temática que compõe o presente estudo e dá forma à exe-

34 Ibid., XXV, 5, 3. (Tradução nossa)

ção dessa pesquisa é o estudo da construção de identidade entre *bárbaros* e romanos através das táticas, equipamentos e o conhecimento na elaboração de estratégias bélicas no exército romano tardio. É necessário destacar, também, que o conhecimento estratégico estava intimamente articulado à questão do abastecimento militar. Daremos destaque, neste estudo, aos livros XV a XXV da obra já sinalizada, nos quais Amiano Marcelino faz um relato sobre as campanhas militares do Imperador Juliano. Objetivamos, assim, analisar a construção da imagem desse imperador feita pelo autor não-cristão, que, de acordo com nossa concepção, realiza uma forma de heroificar esta personagem. Localizamos, em suas palavras, algumas das características que o Imperador deveria carregar, percebidas, pelo autor, em Juliano: *O bom soberano é, sobretudo, admirado pelo seu conhecimento sobre a ciência das armas, espírito de liderança sobre as tropas, boas empresas e generosidade*<sup>35</sup>.

Alvejamos articular essa hipótese à idéia de que o Imperador Juliano receberia os louros por Amiano devido ao trato que este daria ao exército, onde procuramos perceber quais as formas que esse homem, intitulado Apóstata pela historiografia mais tradicional, encontrou para agregar todas as características de governante e estrategista<sup>36</sup>, num momento em que a heterogeneização do exército é facilmente detectada e não pode ser deixada de lado.

Nota-se que a própria hostilidade de Amiano com os bárbaros é um aspecto de sua defesa dos valores tradicionais. Para tratar mais precisamente a ideologia de governo e governante de Amiano, torna-se interessante averiguar que o autor luta contra o tempo – que pode destruir e aniquilar a lembrança dos atos heróicos de Juliano. Sua narrativa está repleta de digressões e parcialidades. Devemos prestar atenção em suas expressões, na sua retórica e perceber que para dar vida a um momento da História, e para

35 Ibid., XXIV, 4. (Tradução nossa)

36 Entendemos, *a priori*, que se pode definir o conceito de estratégia como uma arte militar de planejar e executar movimentos e operações de tropas de infantaria e cavalaria visando alcançar ou manter posições relativas e potenciais bélicos favoráveis a futuras ações táticas territoriais e, conseqüentemente, em âmbito político. Ao mesmo tempo, pode-se definir estratégia como uma arte militar em que se deve escolher o local, o período e com quais armas travar um combate com o inimigo, almejando dessa maneira seus fins específicos; para tamanho alcance, deve haver as presenças marcantes de bons chefes militares.

apropriar-se dele, o autor não escapou à construção de imagens e confecção de juízos através de suas expectativas e experiências pessoais. Utiliza, para tal, uma linguagem que reforça o mito do bom governante militar inserido em sua ideologia de bom governo. Vislumbramos todos esses pontos num contexto de transformações, como foi demonstrado, que Amiano, ao escrever a sua obra, ressalta a figura do Imperador Juliano delineando suas concepções de governante, governo e Estado.

### *Considerações finais*

A gama de temas que podemos extrair da obra de Amiano Marcelino é extensa e muito rica, considerando, especialmente, os acontecimentos de cunho militar que nos relata, haja vista as propostas de trabalho aqui apresentadas e que já estão sendo desenvolvidas, com respaldo das agências de fomento CNPq e FAPESP.

Seus escritos habilitam-nos a pensar sobre a memória de um período que ainda sofre o estigma de ter gerado a tão difundida *queda* do Império, acrescentando novas perspectivas, novos acontecimentos, novos problemas e novas possíveis visões sobre a época. Camus<sup>37</sup> vê em Amiano um homem “de olhar lúcido e desiludido”, por destacar, ao contrário de outros historiadores de sua época, eventos que não apenas enalteciam a imagem do Império, mas também os que não foram bem sucedidos. Austin sublinha que, em contraposição direta a Crump<sup>38</sup>, e de certo modo a Camus, Amiano não vê em seu tempo indícios de uma desagregação do Império, em qualquer que fosse o sentido dessa palavra. Ele defende que o autor de *Res Gestae* não encara o quarto século como um colapso, mas sim sente que algumas ações de determinados imperadores colocaram(iam) a organização

37 CAMUS, Pierre-Marie. *Ammien Marcellin*. Paris: Belles Lettres, 1967.

38 CRUMP. Ammianus Marcellinus as a Military Historian. (publicada como monografia). Apud: AUSTIN, N.J.E. Ammianus on Warfare. An investigation into Ammianus' Military Knowledge. In: *Latomus Revue d'Études Latines*, Bruxelles, v. 165, 1979.

preestabelecida em risco.

Voltar nosso olhar a essa fonte e perceber nela esta não crença em uma possível causa do *colapso* ou *declínio* nos estimula a reafirmar nossa perspectiva de que o século que vislumbramos é dotado de características peculiares. Assim sendo, percebemos o papel do historiador que, como sublinha Peter Burke<sup>39</sup>, possui a função de ser “lembrador”, guardião da memória, dos acontecimentos postos por escrito em benefício ou malefício de seus atores para lhes dar fama e, também, para benefício da posteridade que poderá assim aprender – ou não – com o seu exemplo. É neste papel de “lembrador” que se insere Amiano Marcelino, cabendo aos nossos anseios, questionamentos e interpretações trazer sua obra à luz da contemporaneidade, onde demonstramos, mais uma vez, que não são apenas nos remotos e áureos séculos de Roma e das civilizações antigas que suas reflexões se inserem ou podem ser refletidas, mas também em nosso tempo, abrindo novos caminhos para a investigação histórica.

## *Agradecimentos*

Agradecemos a Renata Senna Garraffoni pelo convite feito à publicação deste artigo. A Pedro Paulo Abreu Funari e Gilvan Ventura da Silva pelas trocas profícuas a respeito do tema. Ao CNPq, pelo apoio institucional concedido no período de outubro de 2006 a julho de 2007 na forma de bolsa de pós-doutorado junior. À FAPESP, pela concessão das bolsas de iniciação científica. A responsabilidade pelas idéias restringe-se aos autores.

39 BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.